# Heloísa Alberto Torres (1895-1977)

LUIZ DE CASTRO FARIA

Heloísa Alberto Torres nasceu no Rio de Janeiro no dia 17 de setembro de 1895. Seu pai, como todos sabem, foi um dos mais sólidos e argutos pensadores brasileiros. Suas obras se tornaram clássicas, de referência obrigatória, e nelas procuraram inspiração políticos, administradores, cientistas sociais e reformadores de todos os matizes. Mas não apenas os seus livros e vários escritos exerceram influência. Suas digressões em torno dos grandes problemas brasileiros da época, sua fala dirigida aos amigos e admiradores que o cercavam, sua ação direta, oral, vivaz, contagiosa, foram instrumentos fecundos de atuação construtiva.

"Em sessões semanais da sua casa de Copacabana e, depois, das Laranjeiras, os discípulos que sentavam em torno do Mestre ..." escreveria Oliveira Viana em linguagem bíblica, ao evocar a influência pessoal e direta de Alberto Torres. Roquette-Pinto evocaria mais tarde a sua figura: "A cabeça já branca e o rosto sem rugas, corado, varonil e belo" ... "Harmonia perfeita de vida e de pensamento, ardor social e qualidades estéticas de uma rara pureza de linhas..."

Alberto Torres morreu em 1917, quando Heloísa completava vinte e dois anos. E foi nesse ambiente de atividade intelectual intensa, vibrante e refinada, numa casa em cuja sala de visitas se reuniam escritores de nomes consagrados, que Heloísa formaria a sua personalidade.

Habituou-se certamente, desde então, a esse tipo de convivência intelectual; preparou-se, na verdade, para viver assim, como parte de uma elite social, que era também uma elite de pensamento.

Falava francês e inglês de maneira quase perfeita. Conhecia literatura, arte, história, etnografia. Tudo isso era necessário, mas não o suficiente, para se afirmar no seu grupo social. Para tanto tornava-se indispensável algo muito pessoal, o efeito de presença, e isto Heloísa Alberto Torres possuiu e soube usar com mestria.

A sua figura serena, altiva, bela, tornava-a inconfundível. Era notada, observada, mesmo antes que o seu nome fosse mencionado. Este, por sua vez, dava de imediato uma nova dimensão a sua figura. *Alberto Torres* — é curioso o fato — prenome e nome tão comuns, singelamente associados, adquiriram sonoridade e significação que repercutiam de maneira impressiva nos ambientes acadêmicos. Transmitiam uma sensação particular de grandeza, de superioridade e de respeito. Não designavam apenas uma pessoa, mas uma obra.

A figura e o nome ela os trazia, eram predicados de família. Mas a ascendência que passava a exercer onde estivesse era um atributo seu, lucidamente construído. Ela conhecia a sua força e a usava com dignidade e grandeza.

Já era assim Heloísa Alberto Torres, quando em 1925 ingressou no Museu Nacional.

Perante a Congregação, tal como era estabelecido pelo Regulamento de 1916 então em vigor, prestou concurso de provas para Professor-Substituto da Seção de Antropologia e Etnografia, que tinha como Professor-Chefe Edgard Roquette-Pinto. Aprovada com distinção foi nomeada por decreto de 2 de setembro desse mesmo ano de 1925 e tem início a sua carreira no Museu Nacional.

A trajetória que começa a percorrer segue padrões já consagrados — trabalhos de campo, que devem confirmar a sua capacidade como pesquisadora, capaz de levar adiante o conhecimento acumulado, de descobrir novos fatos, de colecionar peças, de propor explicações mais consistentes para as questões postas em dúvida.

Em 1926 viaja para o literal de São Paulo, a fim de verificar em que estado se encontravam os sambaquis de Iguape, descritos por Krone. Em 1927 viaja para Minas Gerais e em Vespasiano examina sítios arqueológicos. Em 1928 inicia uma série de visitas regulares a sítios arqueológicos do Rio Iriri, em Magé, ricos em cerâmica pintada, de tradição Tupi-Guarani.

Ao mesmo tempo trabalha em levantamento de fontes bibliográficas, organiza as coleções de arqueologia e etnografia, restaura peças, identifica materiais com base em documentos do arquivo his-

tórico geral do Museu, lê as obras mais recentes de etnografia e arqueologia, agora não apenas em francês e inglês, mas também em alemão, que aprende para esse fim.

Em 1926 viaja para o litoral de São Paulo, a fim de verificar através de atividade intensa — de manuseio, de catalogação, de restauração — todas as grandes coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Nacional.

É neste ano que profere na Escola Nacional de Belas Artes a conferência *"Cerâmica de Marajó"*, que teve grande repercussão e cujo texto, publicado em folheto (Rio, Tip. "Brasil Social", 1929, 22 p.), foi durante muitos anos referência obrigatória.

Em 1930, finalmente, realiza o que teria sido o seu grande sonho, ao se submeter ao concurso de incorporação ao grupo de pesquisadores do Museu Nacional — recebe autorização ministerial e auxílio financeiro para fazer uma excursão de estudos à Ilha de Marajó. Essa viagem, que teve a duração de seis meses, permitiu que realizasse escavações arqueológicas nos sítios de onde provinham as famosas peças de cerâmica a cujo estudo se dedicara. Na época um empreendimento de tal ordem tinha sem dúvida um caráter inusitado, a dimensão de imensa aventura. Por isso, talvez, tenha sido romanceada por Bastos de Ávila (*No Pacoval de Carimbé,* Rio, Calvino Filho Ed., 1932).

Consagra-se assim como pesquisadora de campo; a sua produção intelectual no domínio da arqueologia brasileira fica legitimada.

Em 1931 já tem início uma segunda etapa de sua trajetória profissional. Por Decreto de 31 de abril é nomeada para exercer o cargo de Professor-Chefe da Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional. As suas atividades administrativas daí por diante vão se tornar cada vez mais absorventes. De 1935 a 1937 exerce a função de Vice-Diretor, eleita pela Congregação, na forma do Regulamento, e finalmente a partir de fins de 1938 assume por Decreto do Presidente da República o cargo de Diretor do Museu Nacional, no qual permaneceu até 1955.

Nesse longo e difícil período enfrentou numerosas dificuldades, mas conseguiu sem dúvida conduzir com êxito uma série de iniciativas, que marcaram de maneira positiva a feição moderna do Museu Nacional.

Com a desacumulação de cargos, imposta pelo Estado Novo, a instituição se vê praticamente vazia de um momento para outro. Pelo menos vazia de grandes nomes. Heloísa Alberto Torres, que

era, sem possibilidade de contestação, um espírito renovador, aproveita a oportunidade — vários jovens que tentavam iniciar uma carreira de pesquisa nos domínios da antropologia, da botânica, da geologia e da zoologia encontram de pronto apoio e estímulo. Alguns são nomeados interinamente para as vagas existentes, mas ao mesmo tempo ela procura obter a fixação de um quadro funcional mais amplo e regularmente provido.

Em 1944, finalmente, por gestões suas são abertos os concursos públicos de provas e títulos para as quatro grandes divisões do Museu Nacional (Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia), e doze jovens pesquisadores ingressam na instituição. Em pouco tempo eles se tornaram o corpo e a voz da instituição modernizada.

As iniciativas de Heloísa Alberto Torres marcaram profundamente o Museu Nacional, não apenas na sua dimensão física — reforma total das instalações, com realocação de espaços para laboratórios e gabinetes, construção de anexo — como na sua figura institucional. O *Boletim* assume nova feição (séries Antropologia, Botânica, Geologia, Zoologia); aparece a série *Publicações Avulsas,* os *Arquivos* reaparecem, na sua forma tradicional. Graças ao seu grande prestígio e graças também a uma capacidade de trabalho realmente invejável Heloísa Alberto Torres proporcionou ao Museu Nacional e aos seus pesquisadores recursos abundantes em termos de equipamentos e facilidades de trabalho no campo. Foi além do mais uma diretora imparcial — nunca pensou em seções do Museu, não as distinguia. O Museu para ela foi sempre um todo.

Em 1955 Heloísa Alberto Torres é exonerada da direção do Museu Nacional, e poucos meses depois nomeada Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Foram dezessete anos de vida consumidos por administração, em condições nem sempre favoráveis, e em alguns momentos até bastante duras. E não é de surpreender que tivesse publicado pouco. Ao estudo "Cerâmica de Marajó" (1929), seguiram-se — *Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil* (Rev. do Patrim. Hist. e Art. Nac., I, Rio, 1937); *Arte Indígena da Amazônia* (*Publicações* — S.P.H.A.N., Rio, MEC, 1940). Deixou um pequeno trabalho inédito, com dados originais, sobre "Alguns aspectos da Indumentária da Crioula Bahiana".

A atividade acadêmica de Heloísa Alberto Torres não ficou limitada ao Museu Nacional.

Criada a Universidade do Distrito Federal, Gilberto Freyre é escolhido por Anísio Teixeira para assumir a cátedra de Antropo-

logia Social. Ao afastar-se do Rio, Gilberto indica como seu substituto Heloísa Alberto Torres, que por essa época já desfrutava um prestígio intelectual incontestável.

Ao escrever "A propósito da Política Cultural do Brasil na América" diz Gilbeto Freyre:

> Pertence a esse movimento brasileiro de humanismo científico a iniciativa — que se deve a um dos nossos cientistas mais ilustres de hoje, a Sra. Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro — de reunir na capital do Brasil, em futuro próximo, um congresso de estudos ameríndios que articule pesquisas e preocupações da América inteira com as do Brasil. Que mobilize energias e valores, hoje dispersos, de todos os povos indo-americanos. E quem diz povos indo-americanos diz, em linguagem sociológica, a América por assim dizer total...

O círculo de influência de Heloísa Alberto Torres era muito amplo, suas relações realmente internacionais. Prospectos de pesquisas antropológicas no Brasil, nessa fase, podem ser apreciados na intensa correspondência que manteve, por exemplo, com F. Boas, Ralph Linton, Paul Rivet, A. Métraux e muitos mais.

A atividade de ensino universitário de Heloísa foi ininterrupta depois de exercê-la na U.D.F., exerceu-a na antiga Faculdade de Filosofia do Instituto Lafaiete e depois na U.E.G., hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A sua grande lição, no entanto, foi a sua própria vida pública, uma longa e comovedora lição de dignidade, de desprendimento e de discrição.